

OCR

A inauguração do Sud-esspress, o comboio ra-

pido entre Paris e Lisboa, estabelecido agora pela companhia dos Sleeping-car, trouxe a Lisboa um grupo de jornalistas francezes, hespanhoes, bel-

gas e inglezes, alguns dos quaes já tinham visi. tado o nosso paiz, e outros que pela primeira vez vinham á nossa formosa cidade.

Só muito tarde se soube em Lisboa da vinda d'essas visitas illustres, e por isso os jornalistas lisbonenses não tiveram tempo de preparar aos seus confrades estrangeiros a recepção festiva

poude da missão de fazer as honras da casa a esses distintos visitantes, missão de que a pessoa que escreve estiy linhas não se poude en-carregar, como era deSejo e dever seu, por estar preso em casa por uma doença impertinente.

As companhias de Sleeping-car e dos caminhos de ferro do norte e leste receberam briosamente em Lisboa os illustres estrangeiros, e organisaram em sua honra tres festas brilhantes .. um almoço a bordo, um jantar no salão da

Trindade e uma excorsão a Cintra.

Todas estas festas correram muito animadas e alegres, nos banquetes trocaram-se brindes affe-ctuosos e eloquentes, sendo o mais notavel d'en-tre elles, o brinde feito por Pinheiro Chagas aos jornalistas estrangeiros no almoço em Cintra, brinde que foi applaudidissimo, e que provou mais uma vez o excepcional talento do grande orador e escriptor portuguez

O Sud-express chegou a Lisboa no dia 23 de outubro; no dia 24 foi o almoço a bordo e o jantar no salão da Trindade; no dia 25 o passeio a Cintra, e na noite d'esse dia os jornalistas estrangeiros sabiram de Lisboa para Cadiz e Sevilha, seguindo depois para Paris, onde devem chegar no dia 3 do corrente.

Esteve ha dias de Visita em Lisboa o grande escriptor portuguez Camillo Castello Branco.

Ha muitos anos que o eminente romancista não vinha á nossa capital e a sua chegada foi saudada entusiasticamente por toda a imprensa, com as demonstrações de sympathia e de respeito a que tem direito o extraordinario escri-ptor, que tão proeminente logar ocupa nas let-tras portuguezas.

Camillo

Castello Branco veio a Lisboa con-

sultar medicos especialistas de doenças d'olhos. por causa da enfermidade que o atllige, e demorou-se muito pouco tempo entre nós, partindo inexperadamente para o Porto.

Esta subita partida fez

gorar a manifestação

que os homens de lettras lhe preparavam, n um jantar que planeavam offerecer-lhe.

Parece que a camara municipal de Lisboa, ac-ceitando

nato raio Lisboa, a "presentado por alguns jor-

tello Branco a uma das principaes ruas da cidade.

A familia Real regressou finalmente da sua digressão no norte, que foi, plas festas que sempre a acompanharam, uma verdadeira viagem triumphal.

Sua Alteza a Princeza D. Amelia e o Principe da Beira, chegaram a Lisboa no dia 28; Suas Magestades El-Rei e a Rainha chegaram no dia

29, porque se demoraram um dia visitando Aveiro onde se lhe fizeram festeios extraordinarios, que não foram com certeza dos menos brilhantes e pittorescos, que solemnizaram a via-

gem de Suas Magestades pelas provincias.

Na. vespera do dia em que esta chronica sae

4 luz. Sua Magestade El-Rei deve inaugurar com grande pompa as obras do Porto de Lisboa, esSas obras importantissimas de ha tanto tempo reclamadas e que vão finalmente ser uma reali-dade.

Na proxima chronica daremos noticia circum-stanciada d'essa festa.

O theatro da Trindade, depois do brilhante

Êxito da nitouche acaba de ter outro grande sucesso com a sua operetta nova o Amor Mo-Thado.

O Amor Molhado cujo libretto é traduzido por

- Eduardo Garrido, teve um immenso agrado, e a musica de Varney, que é deliciosa, ficou logo no ouvido do publico e decidiu do grande exito da peça.

O desempenho da operetta na Trindade é magnifico, sobresabindo Florinda e Anna Pereira.

Todas as noutes que se tem dado o Amor

Molhado, o theatro tem enchentes completas, e as ovações ruidosas da primeira poite são ple-

namente confirmadas.

No dia 28 inaugurou-se em S. Carlos a epo-cha lyrica com os debutes do tenor Andrade,

barytono Tersi, baixo Meroles, prima-donna Ca-

tanco e meio contralto Prandi. A opera de abertura foi o Fausto, por ter adoccido a sr." Figuet,

não podendo portanto dar-se a Aida como planea-val.

O theatro de S. Carlos que é sempre o grande attractivo de Lisboa durante o inverno, desperta este anno muito a curiosidade, por ter na sua companhia não só artistas de fama notavel como a Theodorini, a Emma Nevada e o tenor Tala-

zac, mas tambem e principalmente, por apresentar dois cantores portuguezes, dois cantores de quem a fama nos falla ha muito tempo, e que Lisboa, que os conhece muito bem, onde elles

, cresceram e se educaram, nunca teve

ocasião de ouvir= os irmãos Andrades.

Portugal nunca teve a especialidade de fornecer cantores ao mundo lyrico e nem mesmo para o seu uso particular os tem; a prova é as difficuldades com que lutam os raros theatros de operetta, que ha na nossa terra, para formar companhias muito modestas, e em que ainda assim avultam quasi sempre artistas estrangeiros que fallam tant bien que mal a nossa lingua, como as sr." Mansoni, Dorinda Rodrigues, Salud Othon

e Fantony.

Ora de repente esta terra tão esteril em cantores produzir dois artistas lyricos de primeira ordem, um tenor - a rara avis - e um barytono,

e esses dois artistas fazerem carreira, e carreira brilhante, e occuparem no mundo theatral logares proeminentes, é realmente um caso extraor-

dinario, chega a ser um acontecimento nacional.

Compreende-se portanto a anciedade com que se esperava a abertura da epocha INrica e a

curiosidade enorme que todo o boa, que conhece os dois irmãos pequenos, que os viu crescer entre nós, tinha de transformados em celebridades lyricas ouvir esses dois rapazes que elle tratara dor fi meira ordem.

E ao mesmo tempo que havia essa grande curiosidade, havia tambam um certo receio e uma certa desconfiança; desconfiança porque no fim de tudo custa-nos sempre a acreditar nas maravilhas d'aquelle que conhecemos- uma desconfiança tão humana que foi ella que creou este apherismo da sabedoria das nações--os santos de casa não fazem milagres: receio porque os nossos brios nacionaes estavam ligados ao exito d'esses dois artistas nossos patricios, porque a nossa amizade estava tambem interessada no resultado d'essa primeira batalha.

Na peca d'inauguração de S. Carlos, no Fausto debutava um dos irmãos Andrades, o tenor-e d'ahi um interesse muito maior ainda que o de costume por essa primeira noite lyrica.

A estreia de Antonio de Andrade foi um successo brilhante, um verdadeiro successo sem fa-vor, em que não entrou para nada a amisade, o patriotismo, que demais a mais nunca costuma entre nós misturar-se a estas coisas artisticas, ser um elemento de successo, e até pelo contrario, dado o feitio portuguez, costuma ser mais um escolho a vencer.

Antonio d'Andrade é um excelente artista. A sua voz de tenor não é muito volumosa, mas é de bello timbre, muito agradável, muito afinada, e tendo umas notas agudas lindissimas, cheias, arredondadas, vibrantes.

E depois Antonio de Andrade sabe usar muito bem d'ella, tem estudado deveras, e tem aproveitado enormemente d'esse estudo, gurado pela

sua intelligencia brilhante, pela sua poderosa boa vontade.

Canta bem e representa excelentemente, o que a raros tenores acontece. Tem uma comprehen-são nitida dos seus personagens, cria individualidades e mantém-se sempre n'ellas. A sua ma-

neira de phrasear é muito correcta e muito in-telligente: diz o canto com alta intuição artistica e basta a maneira como elle disse a primeira phrase a Margarida na Kermesse, e a romanza do 3.º acto, para se conhecer que é um artista de primeira ordem.

publico contente por vér um artista tão completo, radiante por poder victoriar com plena justiça um seu compatriota, fez a Antonio de Andrade uma ruidosa ovação, ovação que

encheu de jubilo o artista illustre que a recebia, e ao mesmo tempo o publico que lh'a fazia en-thusiasmado.

No Fausto, todos os papeis foram desempe nhados por artistas novos para Lisboa.

Todos elles agradaram muito, á excepção da prima dona Amelia Catanco, de quem tinhamos ouvido dizer maravilhas, maravilhas que no. papel de Margarida esteve muito longe de realizar-O personagem de Margarida tem entre nós grandes tradições, mas não é só ao lado d'ellas que empallidece o desempenho que lhe deu a sr. Cataneo: não é preciso invocar a recordação gloriosa da Fidés Devries, a Margarida ideal, para não nos entusiasmarmos com a Margarida de hoje: basta o confronto com a sr.º Bendazzi, logo na apresentação de Gretchen na kermesse, para a sr." Catoneo nos deixar muito a desejar.

Entretanto, affirmam-nos, com tanta insistencia, que esta artista é uma cantora realmente distin-cra, que esperamos pelo grande repertorio dra-matico para d'ella ajuizarmos com mais elementos criticos, fazendo votos para que, de todo, a Aida ou a Selika ou a Leonor, nos faça apagar completamente a impressão pouco agradável, que nos deixou a Margarida.

O sr. Terzi é um barytono muito rasoavel, e

que nos pareça destinado a brilhante futuro: disse phrases esplendidamente, a sua voz é muito agradável. e agradou-nos francamente: como tam-bem o sr. Merolles, que não nos maravilhando no Mephistopheles, nos agradou tambem muito, e nos parece ser um excellente artista.

A sr.* Prandi- o Siebel - é uma artista muito

gentil, que no seu elegante travesti agrada muito nos olhos, sem desagradar ao ouvido.

A primeira noite de S. Carlos foi por tanto uma noite de bom agouro para a epocha inaugurava: agora faltam debutar os tenores lazac e Vergnet, o barytono Francisco d'An-drade, cuja reputação está já feita pelos primei ros theatros da Europa, o baixo Roveri, primas donas Oliva, Fignet-- o meio soprano da Opera de Paris -- Emma Nevada, uma celebridade gloriosa do mundo lyrico moderno, e Helena Theo-dorini,

a grande e talentosa artista que todos

nós já conhecemos e victoriámos.

Revemos as provas d'esta folha exatamente na ocasião que chegamos de S. Carlos de assistir á estreia da sra Emma Nevada na Som-

nambula, e não queremos deixar de registrar hoje mesmo o colossal sucesso que ella alcançou no rondó, que cantou d'uma maneira perfeitamente excepcional. E uma grande artista a valer. e a sua voz, d'uma rara belleza, tem uma suavidade extranha nas notas agudas, uma suavidade, uma doçura e uma finura, que constituem uma verdadeira excepção no mundo lyrico.

Na proxima chronica fallaremos mais detidamente d'esta extraordinaria virtuose que nos é dado este anno ouvir em S. Carlos.

A FAVILIA REAL NO NORTE DO REINO

IV

O dia 3o de setembro fôra destinado á inauguração dos melhoramentos da barra de Villa do Conde, e apesar do tempo se apresentar de um aspecto pouco tranquillizador pelos aguaceiros que cahiam a curtos intervallos, a solemni-

dade não deixou de realizar-se

Antes d'isso, porem, pelas 11 horas da manhã, Sua Magestade a rainha acompanhada do infante

D. Aflonso fez uma nova visita ao Museu Industrial e Commercial, continuando a apreciar as amostras de diversas industrias alli expostas e especialmente as de origem nacional.

Ao meio dia era recebido no paço por el-rei o erudito conservador do mesmo museu o sr. Joaquim de Vasconcellos, que ia entregar a Sua Magestade exemplares de alguns cancioneiros portu-guezes, publicados e offerecidos pelo notavel editor allemão Max Niemeyer, de Halle, recentemente

agraciado pelo governo portuguez.

El-rei conversou largamente com o sr. Joaquim de Vasconcellos não só a respeito dos antigos cancioneiros, mas tambem sobre a poesia e muSica popular.

Cerca da 1 hora e meio da tarde toda a fa-milia real, acompanhada das pessoas da sua comitiva e dos srs. presidente do conselho e ministro das obras públicas, partiam para Villa do Conde, pelo caminho de ferro da Povia.

Na estação da Boavista aguardavam Suas Magestades e Altezas, além da administração e empregados superiores d'aquella linha ferrea, grande numero de pessoas, bem como um grupo de senhoras que offereceu formosos bouquets á rainha

e á princeza D. Amelia

No comboio tomaram tambem logar algumas autoridades civis e militares do Porto, membros da imprensa e outros envolveiros.

O comboio apenas parou em Pedras Rubras, cuja estação se via ornamentada e repleta de povo que acclamou com enthusiasmo es reaes

Viajantes. Foram lançadas girandolas de foguetes, e uma phylarmonica executou o hymno nacional.

A família real, apeando se, dirigiu-se sob uma chuva de flores lançadas por galantes aldeãs, para uma das salas da gare, onde o presidente da camara da Maia leu uma allocução congratu-

latoria, a que el-rei respondeu, agradecendo.

Pouco depois, uma graciosa filhinha do administrador do concelho, recitou com toda a vivacidade, uma poesia exalçando as virtudes de Sua Magestade a rainha, sendo em seguida entregues pela esposa d'aquelle cavalheiro Bellos bouquets

a todos os membros da familia real.

A partida efectuou-se no meio de estrondosas acelamações, repetin lo-se os signaes de regosijo

no resto do precurso até Villa do Conde, onde

o comboio chegou pouco depois das 3 horas. Ao atroar dos foguetes, aos repiques dos sinos nas egrejas e aos sons das phylarmonicas, reunia-se

o clamor dos vivas de centenares de pessoas que estacionavam na gare. Tambem alli estavam as auctoridades e pessoas mais gradas da locali-

dade.

A villa apresentava o mais risonho aspecto de festa. As ruas estavam juncadas de plantas odo-riferas, erguendo-se em alguns sitios vistosos arcos triumphaes e obeliscos, e das janelas, api-

nhadas de senhoras, pendiam vistosas colgaduras de damasco.

O cortejo dirigiu-se por entre alas compactas de povo para a cereja matriz, onde a familia real foi recebida debaixo do pallio, ás varas do qual seguravam os vereadores da camara municipal

e o administrador do concelho, pelo reverendo prior e cerca de vinte ecclesiasticos.

Depois de uma curta oração, Suas Magestades

o Atinas seguiram, para " lavra, sendo durares

de flores. Os illustres personagens entraram na antiga capella da Senhora da Guia, onde foram offerecidos aos monarchas os diplomas de juizes

em todas " respetona contaria, assignando tomo

livro dos visitantes.

Por essa ocasião o parochio de Villa do Conde,

° eloquente orador sagrado dr. José dos Santos

Monteiro, foi accommettido por uma syncope,

sendo logo socorrido pelo medico da real ca-mara o sr. dr. Ravara. Infelizmente os sotiri-

mentos do talentoso sacerdote agravaram-se de modo, que poucos dias depois, descia á sepul-tura, no meio da mais sincera dôr de toda a população.

›pulação.

familia real ao sabir do pequeno templo dirigiu-se debaixo de uma chuva torrencial, para o pavilhão que fôra erguido para a cerimonia da inauguração dos melhoramentos da barra.

As 3 horas e 45 minutos, el-rei carregou no botão a que estava ligado um fio electrico, produzindo-se a explosão de um tiro que fez voar a grande altura os fragmentos de um rochedo

da barra.

Procedeu-se depois á assignatura do auto, seguindo-se o lunch oferecido á familia real pelo

abastado capitalista o sr. Mello, no seu elegante

de So talheres, tomando

Pagacce mesa unco fii do do colheres con'anda

do sr. Monteiro, ao retirarem-se Suas Magesta-des e Altezas brigdou-as com oppulentos bou-

quets de flores naturaes.

A partida de Villa do Conde verificou-se ás 7 horas da tarde, sendo os regios excursionistas acompanhados até á estação por grande numero de pessoas, que constantemente os acclamavam.

O comboio não parou em parte alguma, mas não obstante isso, algumas estações e com especialidade a de Pedras Rubras, ostentavam vistosas iluminações.

Ao chegarem & Boavista, Suas Magestades e Altezas eram aguardados pelos trabalhadores do caminho de ferro da Povia, que em enthusias-fica marcha aux flambeau os acompanharam até ao paço da Torre da Marca.

Além das ao libras entregues por el-rei para os pobres de Mirandella, Sua Magestade enviou também 300:000 réis no sr. governador civil de Villa Real para serem distribuidos pelos pobres das povoações d'aquelle districto.

No dia i de outubro, pelas to horas da manhã, el-rei acompanhado pelo sr. presidente do con-selho, governador civil e outras pessoas. visitou o hospital de alienados do Conde de Ferreira, onde foi recebido pelo director d'aquelle magnifico estabelecimento, o sr. dr. Senna e medico ajudante o sr. Julio de Mattolo

Sua Magestade percorreu todas as enfermarias e mais repartições do hospital, encarecendo com palavras de merecido louvor o aceio e boa or.

dem que se notavam em todo o edificio.

Como era natural.

durante a visita de el-rei,

deram-se alguns episodios engraçados. Assim, ao entrar Sua Magestade em uma das enfermarias de alienadas, estas irromperam em estridentes vivas. Noutra enfermaria do sexo masculino, um doudo que tem a monomania das grandezas, disse a Sua Magestade que elle é que era o rei e não o senhor D. Luíz. Outro alienado pediu para saber com el-rei com o fundamento de que sabia tocar flauta e assim podia tomar parte nas festas.

Sua Magestade demorou-se no hospital cerca de uma hora e meia, e ao retirar-se escreveu no livro dos visitantes as seguintes palavras:

«O estado em que encontrei este estabelecimento faz a maior honra ao seu director.--Et-RE D. Luzz.»

Ao mesmo tempo que el-rei visitava o hospital de alienados, a senhora D. Maria Pia, acompanhada do infante D. Affonso e dos condes de

Mossamedes,

,dirigiu-se também ao hospital da

Misericordia, onde era recebido por alguns membros da mesa da Santa Casa e pelos clinicos os srs. drs. Maya Mendes e Evaristo Saraiva.

A bondosa rainha percorreu primeiro as enfermarias das mulheres, abeirando-se dos leitos das doentes, dirigindo-lhes palavras de consolação e conforto.

Ao visitar a enfermaria dos partos, Sua Ma-gestade desejou saber se n'aquelle dia houvera

algum nascimento.

"Foi-lhe relatado que poucos momentos antes, uma rapariga de 25 annos, mulher de um ope-Tario da Fabrica Social de Chapeus, havia dado á luz uma creanca do sexo masculino.

A senhora D. Maria Pia declarou que tomava sob a sua protecção essa creança, e que seriam padrinhos do baptisado tanto ella como o Prin-cipe Real, deixando procuração aos srs. governador civil e general da divisão para os representar n'essa cerimonia.

A pobre parturiente, em resultado de uma febre que lhe sobreveiu, morreu dias depois, sendo o filho entregue por ordem do governador civil a uma ama especial do hospício dos ex-postos.

Sua

Magestade continuou a percorrer as enfermarias das mulheres, entrou na cozinha, onde desejou ver o caldo dos doentes, do qual tomou duas colheres, mostrando-se satisfeita, e em seguida passou ás enfermarias dos homens, para os quaes teve as mesmas palavras de carinho e da compaixão.

Entre esses enfermos deparou-se-lhe um italiano chamado Giuseppe Rossi, com o qual Sua Magestade se demorou a conversar na sua lingua natal, exclamando no fim:

•Como é grato ouvir a lingua italiana!

Na sala onde estão os doentes de febres ty-phoides, um dos facultativos observou á illustre

princeza que não seria conveniente demorar-se alli, no que Sua Magestade respondeu:

«Mas que tem isso?».

E aproximou-se de um dos enfermos a quem dirigiu varias perguntas sobre o seu estado.

Desejando saber tambem quaes eram as doenças que mais predominavam, e sendo-lhe respondido por um dos medicos que entre essas doen-cas se contavam as bronchites e as pneumonias, Sua Magestade recordando-se da terrivel enfermidade que a tivéra entre a vida e a morte, ex-clamou:

«As pneumonias! Que horrivel doença!»

A visita durou perto de duas horas e Sua Ma-gestade ao deixar inscripto o seu nome no livro dos visitantes, dirigiu palavras de louvor ao di-rector do hospital o sr. dr. Joaquim José Fer-reira, que havia chegado momehtos antes,

moio como encontrira aquele vaso estas Relo

mento de caridade.

Cerca do meio dia todos os membros da fa-milia real se reuniram na egreja da Lapa, onde depois de orarem junto no sarcophago que encerra o coração de D. Pedro i.

ouviram uma

missa celebrada pelo sr. Cardeal D. Americo.

A esta cerimonia assistiram, além das pessoas da comitiva, ministros e diversas autoridades, a mesa da irmandade da Lapa e diversas pes-sons, entre as quaes grande numero de senho-ras.

A senhora D. Maria Pia, acompanhada da prin-ceza D. Amelia e do infante D. Affonso, diri-

giu-se em seguida ao Real Hospital de Creanças

Maria Pia», onde foi recebida pela direcção, di-rector clinico conselheiro Arnaldo Braga e duas senhoras da commissão zeladora.

Sua Magestade e Altezas visitaram as enfermarias a Maria Izabel e Maria Leopoldina», pro-digalizando os mais ternos carinhos as pobres creancinhas e informando-se com interesse do estado de cada uma d'ellas.

Satisfeitos com o aceio e boa disposição que observaram n'aquelle prestabelecimento. a rainha e os principes sahiram depois de terem deixado assignados os seus nomes no livro dos visitantes.

A direcção do hospital foi no dia seguinte entregar diplomas de socios protectores a todos os membros da familia real.

Depois do almoço, enquanto o Principe Real

D. Carlos acompanhado do general Malaquias de

Lemos se dirigia para Mattozinhos a fim de assistir ao exercicio de brigada que n'esse dia tinha lugar, os restantes membros da familia real seguiam para o Campo Vinte e Quatro de Agosto, para inaugurarem a Escola Industrial «Faria Gui-marães. »

AS NOSSAS GRAVURAS

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Depois de doze anos de ausencia, passados na aldeia, na sua casa de S. Miguel de Seide, longe da capital e do bolicio das cidades, qual outro Alexandre Herculano, a quem chamaram o solitario de Valle de Lobos, visitou Lisboa, Camillo Castello Branco, o grande escriptor, que tem enriquecido a literatura portugueza com as brilhantes produções do seu excepcional talento.

Toda a imprensa lhe deu as boas vindas em artigos que lhe dedicou, e o OcciDENTE presta tambem a sua homenagem ao eminente roman-cista, publicando o seu retrato, um retrato mo-derno, em que se desenhm fielmente, nas linhas que lhe sulcam a fronte, os efeitos da doenca e dos sofrimentos que tanto afligem aquelle es-
pirito

A visita de Camillo Castello Branco devia ter sido uma verdadeira festa no nosso pequeno mundo litterario, se não fosse a doença o principal motivo d'essa visita, e se não fosse ainda a doença que o fez retirar de Lisboa tres dias depois da sua chegada.

Entre os artigos de saudação ao glorioso mes-tre, que se produziram na imprensa, encontramos um firmado por Valentina de Lucena, pseu-donimo de uma escriptora tambem gloriosa, que nos descreve, com toda a elegancia do seu es tylo, e com todo o sentimento de uma alma de poeta. o infatigavel escriptor, a quem a doença e a idade voe assoberbando cruelmente Extractemos, com a devida venia, alguns pe riodos d'esse artigo, que estamos certos os leitores vão ler com interesse:

...

«Vem alquebrado pela doença, que ha longos annos lucha cruelmente com o seu bello orga-nismo, de uma resistencia nervosa tão rara e tão
forte!

«Os seus olhos, que tão bem souberam vêr a linha sinuosa e ondeante das coisas, os aspectos pittorescos da paizagem, o contorno plastico de cada objecto em que se fixavam, os seus olhos de artista, namorados da luz, ávidos da côr a que não faltou aquella vigão violenta que só é dada aos genios, estão hoje quasi apagados, semi-mortos, nostalgicos de todas as alegrias que
perderam

•A sua fina mão aristocratica, na qual a penna floreada gentilmente foi uma espada, um escal-pello, um pincel, um escopro, e muita vez um azorrague juvenalesco, cae pendida e inerte, com

a recordação inolvidavel dos bellos dias de com-bate, dos bellos dias de trabalho, e de colera

Vingadora, e de riso enorme, que repercutia em fanfarras metallicas nas paginas fulgurantes de tantas obras immortaes!

.A Arte, a sua consoladora e a sur amiga, a companheira ideal da sua longa vida, a que nas horas de dôr, fulminante e desesperadora, teve para a sua alma o balsamo raro d'essa Ironia que é feita de lagrimas e que consola mais do que ellas; a Arte, para que viveu, sem que outra preocupação qualquer tivesse o poder de captivar-lhe

ambição ou de estimular-lhe a lindrosa e morbida, que toca as raias do soffri-mento, e que as impressões exteriores sacodem com extrema violencia; para que o seu riso se enriquecesse com todos os dons mordentes e crus, estridulos como o vivo da agonia, sonoros e vibrantes como o embate de dois crystaes, dilacerantes como o soluço de alma que se des-pede, gelidos e desdinhosos como a suprema desillusão e derradeiro desengano; para que o dom das lagrimas fosse na sua voz tão maravi. lhoso e tao intensamente vivo; para que emfim o scu genio nos apparecesse tal como é, com-

plicado e forte, composto de tudo que ha de mais impressionador e de mais apaixonado, de mais sentido e de mais humano, foi necessario, meu pobre grande artista, que elle se fizesse das

suas lagrimas de homem, , dos desesperos do seu coração, das doenças do seu espirito, das amarguras da sua vida, do ardor concentrado do seu mysticismo, das mil impressões dolorosas e cor plexas que á vida tão hostile para si, lhe tem im-inspirações mais caprichosas e captivantes de uma ironia apaixonada e mordente, da qual o riso ressalta em ondas torrentuosas, e as lagri-mas se estillam em amarissimos caudaes!

«Se me perguntassem a mim qual o romance que prefiro, de tantos que a litteratura portu-gueza lhe

'deve, cu lembrar-me-hia immediata-

mente d'aquelle delicioso Amor de perdição, pe-rola iriada, perola delicada e transparente, que é um achado raro até na vida intellectual de um cerebro como o seu; lembrar-me-hia das encantadoras Novellas do Minho, mis quaes o drama mais completo encontrou a fórmula mais simples e mais genial, e a paizagem do norte a sua côr mais propria, a sua expressão mais viva,

o desenho mais sem hesitar:

Nao ente? mas responderia logo.

ces em particular; amo-os a todos, porque são o reflexo da alma portugueza em alguns dos seus aspectos especiaes mais verdadeiros e mais nativos, porque são o repositorio riquissimo de vontade; a Arte já não pôde levar ao seu espi-rito cançado, e que a nevrose extenua, senão o soluco abafado de uma saudade inexprimivel!

.Como é triste esta hora da sua vida para si, meu grande amigo, e para os que de perto ou de longe o teem acompanhado com o affecto ou com a admiração, os dois sentimentos mais preciosos e mais doces que ha no intimo da nossa alma e no intimo do nosso coração!..

.Mas se é triste a hora para os que lhe querem muito, e admiram em v. ex. o temperamento de artista mais desinteressado, mais completo e mais vibratil que a historia das letras portuguezas póde apresentar, nem por isso devia ser menos jubiloso, menos entusiastamente communicativo o acolhimento que Lisboa lhe fizesse..

«V. ex.' é o singular exemplo do homem de letras portuguez, inteiramente absorvido pela sua arte, pedindo-lhe sómente a ella as commo-ções e as amarguras que pódem encher uma existencia inteira.

- Viveu sempre dentro da sua obra, como os architectos medievaes a um tempo artifices e ascetas!
- Para que a sua visão das coisas atingisse o grau de aguda subtileza, quasi doentia, que ella adquiriu tão extraordinariamente; para que a sua sensibilidade tivesse aquella delicadeza, me-premido em longos anos de combate interior e de tempestades silenciosas.
- «As boas horas que nós, os que temos lido com palpitante interesse,
- The devemos, foram arran-
- cadas á propria substancia do seu ser, ao sangue quente das suas veias, á vibração ardente los seus nervos irrequietos.
- «Essa doença, que o anniquilla, deve ser-nos
- sagrada!
- «Adquiriu-a por amor de nós!.
- Camillo Castello Branco tem hoje 61 annos, nasceu a 16 de março de 1826, e a sua vida tem-n'a consummido nas letras, a sua obra lit-
- teraria é enorme, dominando o romance, uma das feições mais brilhantes do seu talento.
- Tem ainda a palavra Valentina de Lucena!
- ..
- +*.. ..
-
- O Romance que
- e hoje uma das manifesta-
- ções mais características do pensamento moder-no, o molde amplo e portentoso em que couberam á vontade a phantazia, o gigantesco humor e a piedade infinita d'um Dickens, a veia sar-castica, tão amarga e cauterisante de Thakeray.
- a força creadora e potente de Balsac, a alma atormentada de Dotostowskey, o Romance foi para o seu espirito a trama em que elle bor-dou, com os recamos e doirados preciosos de umalingua admiravel de graça e de vigor, os relevos mais originaes da lingua portugueza, as uma graça como já não tornamos a ter. de uma graça extranha, unica, de uma originalidade tão poderosa que ninguem ousaria disputal-a ao grande escriptor de raça, com quanto haja n'ella scintillações metalicas do sarcasmo de Swift, aobservação fria e impessoal de Henry Beyle, a soluçante risada da lyra em que o Intermergo desfiou as suas contas de crystal!...» O rio Nabão a que os romanos chamaram Na-banus e os

arabes chamavam Tamarma, nasce na provincia da Extremadura na serra de Anciã, ou monte Tapeço, porém a agua d'esta origem só no inverno engrossa o Nabão, recebendo este a força das suas aguas da Fonte do Agroal, no logar de Pena d'Aguia ou Penha d'Aguia junto á foz da ribeira de Pias. Na Grania dos Frades, proximo a Thomar, tem uma magnifica ponte de pedra de um só arco, construção antiga, e nas Ferrarias tem outra ponte, denominada a Ponte da Cidade, proximo à antiga Nabancia. Esta ponte foi feita por Ay-res do Quental. Os confluentes d'este rio são: o Ceyça, Murta, Barqueiro, Louzan e Bezelga; junta-se ao rio